

Valmir Perez

Por Claudia Sá

O lighting designer que tem a arte como causa

NASCIDO EM CAMPINAS, VALMIR PEREZ GANHOU O MUNDO

logo cedo. Até aí, nada de novo; a façanha está em fazer isso sem ao menos precisar tirar os pés de sua cidade natal. O universo artístico, ele descobriu na infância, ao ver o pai transformar coisas “sem utilidade” em engenhosos brinquedos e tudo que vinha na mente. O teatro encontrou na adolescência, as artes plásticas e a iluminação chegaram com a maturidade.

Tudo isso viveu e aprendeu dentro da Universidade de Campinas (Unicamp), onde se formou em Artes Plásticas, fez mestrado em multimeios com o tema iluminação e pretende fazer um doutorado na área. É responsável pelo Laboratório de Iluminação do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes, mantido pela instituição. Autor da série Luz e Arte, publicada na revista Lume Arquitetura há três anos, Valmir é defensor ferrenho da arte como ciência do subjetivo, aquela que tem a função social de fazer pensar, não apenas entreter.

Nesta entrevista exclusiva, ele pede que os lighting designers encarem sua arte como arte, de fato; que a baseiem em pesquisas, que deem sentido a ela e não apenas sigam a moda imposta pelo mercado. Questiona a aplicação da iluminação cênica no espaço urbano e prevê que o design da luz, uma arte emergente, segundo ele, será a arte do futuro. Ele também anuncia que o software de iluminação cênica Lablux, que desenvolveu ao lado de Claudio Martinez, falecido em 2007, ganhará nova versão, com recursos para projetos de iluminação arquitetônica.



Foto: João Maria

Lume Arquitetura: *O que influenciou o seu interesse pelas artes?*

Valmir Perez: Desde criança eu gosto de arte. Meu pai é um artista; ele não tem formação, estudou até o quarto ano primário, mas, em uma oficina em casa, que ele mantém até hoje, criava e continua criando qualquer coisa. Então, eu cresci vendo-o fazer desde brinquedos para mim e meus irmãos a peças para resolver problemas dos vizinhos. Ele também adorava fazer balões grandes, iluminados, desses que hoje são proibidos. Todos os anos, em abril e maio, minha casa já começava a ficar enfeitada com lanterninhas penduradas.

Lume Arquitetura: *Como foi que começou a sua relação com o teatro e a iluminação cênica?*

Valmir Perez: Aconteceu numa brincadeira. Eu tinha 17 anos, estava num bar com um amigo, e ele me disse que a Unicamp tinha aberto um curso de teatro, uma extensão de seis meses, gratuito, e me chamou para participar junto com ele e nós fomos. Eu gostei bastante; de lá saíram vários espetáculos, montamos o bando de teatro “Nó na Garganta”, que eu cheguei a dirigir, abrimos um bar chamado “Bar Teatro”.

Depois, em 1988, a universidade abriu um concurso para iluminador teatral – eu já tinha alguma experiência adquirida com as peças que a gente fazia, já tinha feito uns trabalhos freelance para eles – fiz o concurso e passei. Não sabia muita coisa, fui aprendendo mesmo depois de ter sido contratado. Em 1996 iniciei artes plásticas, fiz licenciatura, aí comecei estudar e me apaixonar por iluminação.

Lume Arquitetura: *No que consiste o seu trabalho na Unicamp?*

Valmir Perez: Desenvolvo projetos de iluminação cênica, arquitetural, de estruturas para teatros, estúdios, museus, etc. e, também, faço pesquisas na área. Também ministro uma disciplina eletiva, em

que abordo temas na área de iluminação cênica, arquitetural e museológica e para captação de imagem. É aberta uma vez por ano, no segundo semestre, e qualquer aluno da Unicamp ou de outra instituição de ensino superior pode se matricular.

Lume Arquitetura: *E como esses projetos são aproveitados?*

Valmir Perez: A maioria dos projetos é realizada para espetáculos da universidade, produzidos pelos departamentos de dança, música, teatro, e, desde 2007, desenvolvemos trabalhos para empresas privadas, também, como faz qualquer escritório.

No Brasil, ainda se aprende iluminação cênica como se aprendia arquitetura, medicina, num passado razoavelmente distante, na relação entre mestre e discípulo.

Lume Arquitetura: *Que tipo de projeto você já desenvolveu, dentro da Unicamp, para clientes externos?*

Valmir Perez: Acabei de concluir a estrutura de iluminação cênica de uma sala para a Universidade Federal de São João Del Rei [Minas Gerais], estou projetando a do estúdio Barthmann, aqui de Campinas. Além disso, tenho outros trabalhos em fase de negociação.

Lume Arquitetura: *Fale-nos sobre o Lablux, software que você desenvolve há muitos anos. Como começou e em que ponto está?*

Valmir Perez: Esse projeto fez parte da minha defesa de mestrado, que comecei a desenvolver em 2003 e terminei em 2007. Nasceu de uma coisa que me incomoda, que é a falta de mão de obra qualificada tanto para projeto quanto para montagem

e operação de iluminação cênica. Hoje, no Brasil, ainda se aprende iluminação cênica como se aprendia arquitetura, medicina, num passado razoavelmente distante, na relação entre mestre e discípulo.

Isso porque até há pouco tempo não havia cursos de formação; agora é que eles estão começando a surgir, mas os projetos ainda chegam aos técnicos, nos teatros Brasil afora, sem padrão nenhum, cada um faz do seu jeito. Essa questão de padronização já foi resolvida lá fora, em países da Europa e da América do Norte, há muitos anos.

E do meu mestrado, em que tratei de pesquisa, criação e execução de projetos de iluminação, surgiu o Lablux. Essa ferramenta, num primeiro momento, tinha a função de explicar para as pessoas quais são os passos principais para o desenvolvimento de projetos de iluminação cênica.

Lume Arquitetura: *O Lablux é um software exclusivo para iluminação cênica?*

Valmir Perez: O primeiro, sim. O segundo, que vai surgir, poderá ser utilizado para iluminação, também para projetos do espaço arquitetônico e de entretenimento. O projeto já está pronto, será custeado pelo Ministério da Cultura. Estamos apenas aguardando a liberação da verba para iniciar o projeto executivo.

Essa nova ferramenta é bem diferente, bem mais poderosa que a primeira versão, que fiz juntamente com o Claudio Martinez, na Unicamp. Vai servir para projetos, desenhos de plantas e documentação de outras áreas.

Lume Arquitetura: *Quais são as funcionalidades da nova versão? Em que a nova versão vai ajudar no trabalho do lighting designer?*

Valmir Perez: O Lablux, que será disponibilizado gratuitamente, oferecerá ferramentas mais completas de projeto, tais como dimensionamento em escala correta – seus usuários poderão desenvolver suas próprias bibliotecas e trocá-las entre

si; roteiros de iluminação automatizados; automatização de documentação complementar, tal como as listas de instrumentos, de efeitos etc.

Lume Arquitetura: *O projeto é patrocinado apenas pelo Ministério da Cultura?*

Valmir Perez: Contamos com o apoio de empresas parceiras que poderão contribuir com os desenvolvimentos futuros. O Lablux oferecerá, em sua interface, uma ferramenta contendo lista de indústrias, lojas, importadores, escolas, livros e revistas, entre outros, para pesquisa dos usuários. As empresas parceiras terão seus nomes incluídos nesse espaço, mediante contribuição com o projeto.

Lume Arquitetura: *Você assina uma das seções mais comentadas da Revista Lume Arquitetura, a série Luz e Arte, que fala da relação da vida e obra de grandes artistas e de movimentos artísticos com o lighting design. Como surgiu esta ideia?*

Valmir Perez: Comecei a escrever essa série há 3 anos, porque sentia que na formação dos lighting designers, seja em cursos de arquitetura, design e mesmo nas pós-graduações, havia uma lacuna no que diz respeito ao conhecimento da linguagem visual. Nas revistas especializadas, lia-se muito sobre a técnica, mas muito pouco sobre como utilizar essa técnica para fazer o que nós fazemos, de fato, que é arte. Isso me incomodava muito, como incomoda até hoje. Então um dia, conversando com a Maria Clara, editora da Lume Arquitetura, toquei no assunto. Ela adorou a ideia e pouco depois me convidou para escrever os artigos. Foi um apoio e tanto.

Então, com esses artigos, quero sugerir a vida e a obra dos grandes mestres da arte pictórica como pontos de referência para os lighting designers, os novos e também muitos que já estão em atuação. Quero dizer a eles que existem coisas que podem estar se esquecendo de olhar e sentir.

Lume Arquitetura: *De onde vem tanta inspiração?*

Valmir Perez: Creio que da necessidade que tenho de transmitir para as pessoas a ideia da arte como ciência do subjetivo, que para mim é fundamental, em contraposição à arte produzida apenas para o entretenimento. A arte, hoje, é feita apenas para entreter e não para fazer pensar, questionar o mundo, a vida.

Lume Arquitetura: *Qual a função da arte como ciência do subjetivo na sociedade?*

Valmir Perez: Fazer com que as pessoas conheçam a si mesmas, seus sentimentos, seu mundo interior e as relações cotidianas com o mundo exterior. Saibam discernir o que tem valor e o que não tem. Compreender também que a arte existe para fazer avançar o espírito.

Lume Arquitetura: *E a arte-entretenimento é sempre ruim?*

Valmir Perez: Não, ela é necessária. O problema é ela ser a única opção. E essa é a censura mais perversa que existe, pois é a da omissão, que leva a uma ignorância profunda, que tira das pessoas a capacidade de discutir o mundo com liberdade de consciência. Hoje, se eu falo que arte é ciência, por exemplo, alguns torcem o nariz, então eu tento provar isso, inclusive ao escrever para a seção Luz e Arte.

Os gregos nunca separaram o bom e o belo. Para eles, estética significava a busca do bom e do belo, então, uma coisa para ser boa, precisava ser bela, e vice-versa. Uma coisa não se contrapõe à outra, elas se complementam.

Lume Arquitetura: *Qual é a contribuição dada pelos grandes mestres da pintura ao lighting design?*

Valmir Perez: Esses personagens da história não nos ensinam apenas as técnicas de olhar, perceber, mas, acima de tudo, eles nos ajudam a compreender a própria atuação do artista da luz. Como ciência do subjetivo, a arte desses mestres vinha de

encontro aos conceitos pré-estabelecidos, fechados, preconceituosos. E ao enfrentar com a sua arte essas imposições, eles mostraram para a sociedade de seu tempo e também para as futuras gerações, como a nossa, novas formas de olhar o mundo. Eles ensinaram que podemos e devemos questionar aquilo que fazemos, tanto em relação ao nosso trabalho, como nos demais âmbitos da vida.

Lume Arquitetura: *O que é o lighting design, enquanto arte?*

Valmir Perez: É uma arte emergente. Daqui a alguns anos, com certeza, vamos começar a ouvir falar de movimentos do lighting design, como ocorre com as demais artes. Talvez a iluminação seja até a arte do futuro. É claro que a escultura, a pintura, o mural e as outras formas de expressão convencionais ainda estarão aqui, como sempre. Mas, além disso, outras formas de expressão – que utilizarão outros meios, como temos visto com os meios digitais e, no nosso caso, com as propriedades da luz, que se utilizam de outras soluções tecnológicas – serão nossas aliadas como meios de expressão.

Lume Arquitetura: *Como é iluminar um espetáculo ou espaço arquitetônico depois deles serem concebidos?*

Valmir Perez: Há ainda aqueles diretores que fazem o espetáculo e depois chamam o iluminador para iluminar. Isso é um equívoco. Essas coisas não são separáveis, não há como dividir cenografia, iluminação, direção, sonoplastia, movimentação cênica etc. Para você ter uma ideia, não faz muito tempo, fui convidado para desenvolver a estrutura de iluminação de um auditório em São Paulo. Quando cheguei lá, vi que o espaço já estava pronto e que o engenheiro de acústica não tinha levado em consideração a estrutura de iluminação.

Recusei o trabalho, pois para fazê-lo seria necessário botar tudo abaixo e levantar de novo. O mesmo serve para a

arquitetura. Não dá para se projetar um espaço arquitetônico sem considerar a estrutura e iluminação em si. São trabalhos que têm de ser desenvolvidos paralelamente, numa parceria entre profissionais das diversas áreas envolvidas.

Lume Arquitetura: *E quando se trata de obras já construídas, como bens históricos?*

Valmir Perez: É necessário, antes de tudo, conhecer a proposta arquitetônica, as pessoas que vão circular naquele espaço. A iluminação deve ser baseada em pesquisas. Não dá para eu chegar com o meu projeto de iluminação e distorcer a ideia central da arquitetura, da história, da função social do espaço, etc. Nesses casos o trabalho exige muito mais cuidado, mais respeito ao patrimônio cultural e físico do lugar.

Lume Arquitetura: *Iluminação teatral e lighting design arquitetônico são duas artes e ofícios distintos, ou os profissionais dessas áreas podem atuar em ambas?*

Valmir Perez: Elas possuem a mesma base “material” como ferramenta de trabalho, que são as propriedades da luz, mas com objetivos distintos. Na iluminação arquitetural, conforto ambiental, por exemplo, é essencial. Já na teatral, o projetista não tem como preocupação primordial impedir que a luz ofusque o ator; o mais importante é a cena.

Então, são coisas totalmente diferentes, objetivos diferentes. Quando alguém me fala em levar a iluminação cênica para o espaço urbano, eu costumo responder com uma brincadeira: “mas eu não quero morar na Disneylândia...”. Quem quer difundir essa ideia são representantes de grandes marcas, alguns, inclusive, amigos meus, que querem nos fazer crer que isso traz benefícios para a sociedade, mas acho que não.

Lume Arquitetura: *Por quê?*

Valmir Perez: Acho que se isso não

tiver medida, as pessoas vão acabar transformando as nossas cidades em grandes espetáculos visuais. E não sei se isso é interessante. As pessoas já vivem estressadas durante o dia, imagina se, ao saírem de casa, à noite, tiverem de se deparar com uma poluição luminosa em alto nível, com mudanças de cor... Pra quê isso?

Claro que algumas intervenções podem ser bem-vindas em determinados espaços, mas eu tenho visto coisas extremamente violentas, como prédios históricos, museus, por exemplo, todos revestidos com luzes coloridas, mudando de cor. É uma falta de respeito com a memória da população, é como se o projetista fizesse o projeto de iluminação para ele próprio ser a estrela.

Daqui a alguns anos, com certeza, vamos começar a ouvir falar de movimentos do lighting design, como ocorre com as demais artes.

Lume Arquitetura: *E por que os profissionais têm trabalhado tanto com iluminação colorida e dinâmica?*

Valmir Perez: As grandes empresas querem criar tendências, ou seja, moda. Veja, se elas inventam uma lâmpada que dura de 5 a 10 anos acesa, elas têm de ganhar dinheiro de outra forma, talvez fazendo moda... É aquela coisa, você se desfaz da sua calça nova, não porque ela não te serve mais, mas porque ela já saiu da moda. Da mesma forma, receio que as pessoas comecem a trocar também a iluminação para acompanhar a moda.

Lume Arquitetura: *Você tem participado como jurado em prêmios de projetos de iluminação, como o da Abilux, por exemplo. Como avalia a atividade projetual na*

iluminação e seus profissionais e os resultados apresentados nos projetos?

Valmir Perez: Uma vez, um saudoso amigo, um dos maiores dramaturgos que este país já teve, que, infelizmente, em minha opinião, ainda não teve a sua obra devidamente consagrada – estou falando do Plínio Marcos – disse numa palestra na Unicamp: “quando você for participar de festival de teatro, cuidado, porque o prêmio pode ser um insulto, depende da comissão julgadora”.

E outra coisa que ele me disse, que eu nunca mais esqueci, foi que “arte não se premia, porque é expressão. Se você começar a distribuir prêmios a quem faz arte, os artistas logo vão se tornar escravos deles”. E era isso que acontecia, por exemplo, no Salão de Paris. Grandes mestres, especialmente os impressionistas, se rebelaram contra o evento, porque ele premiava uma arte que já estava morta. A coroa de louros ia para artistas que expressavam aquilo que o salão de artes, patrocinado pelo Estado, pela grande oligarquia, queria ver. Uma arte bem comportada.

Eu participo dessas premiações porque acho que ainda não se chegou num estado de arte na iluminação em que o projetista tenha a liberdade de se expressar. Então, o que se premia, hoje, é a beleza, claro, mas ainda não é aquela na qual chegaram os impressionistas, por exemplo.

Quando os designers entenderem que o seu trabalho também é importante como expressão, e que essa expressão é importante para a evolução do espírito humano, creio que alguns participarão de concursos, outros não. Pelo simples fato de que quem esteja julgando possa não ter a medida correta daquilo que esteja sendo expresso.

Lume Arquitetura: *O que você mudaria nesses concursos?*

Valmir Perez: Uma sugestão que eu daria aos organizadores desses eventos é que

passassem a tratar os projetos como arte e que levassem em consideração no julgamento, não apenas o que foi utilizado e os resultados obtidos, mas também os conceitos. Que julgassem também o conteúdo, não só a forma.

Os profissionais da luz precisam basear sua arte em pesquisas e eles têm de saber explicar qual é a essência de sua arte. Se alguém coloca uma luz colorida na fachada de um prédio histórico, por exemplo, que ele ou ela saiba explicar porque fez aquilo, o que quis dizer com aquilo.

O artista precisa dizer algo como: “eu coloquei o vermelho nessa fachada, para ser aceso em determinados dias, porque eu quero lembrar às pessoas que ali funcionou o DOI-CODI e que muitas pessoas foram torturadas nesse edifício durante a ditadura militar”, e assim por diante. Esse é apenas um dos caminhos, um exemplo.

Como estamos falando de arte, isso é infinitamente mais complexo, o mais importante é que o artista saiba exatamente o que está fazendo. Essa ideia do artista ser aquele cara louco e “viajandão” foi construída para desmoralizá-lo, assim como a figura do cientista louco, de jaleco branco e cabelos ouriçados.

Lume Arquitetura: *Você sempre prega a independência artística do lighting design. O que significa isso, na prática?*

Valmir Perez: Muitos fazem arte e não sabem dizer por que fazem. E, normalmente, essas pessoas seguem a ideia de outros que também não sabem. Então, essas pessoas trabalham puramente pelos ganhos, pela vaidade. Ser independente é, muitas vezes, seguir no sentido contrário.

Por que será que impressionistas, como Van Gogh, Monet, vendiam muito poucos quadros no início de suas carreiras? Eles não faziam quadros para vender, faziam porque eram artistas, o que queriam era expressar suas ideias, seus sentimentos, sua ciência, sua pesquisa. O mote principal deles não era dinheiro,

porque se fosse, eles teriam ido para o Salão de Paris, pois eles eram muito bons. A independência é a faculdade que o artista tem de dizer: “Não, para você eu não faço; desse jeito não dá.”, e isso está diretamente ligado aos seus desejos e aos seus ideais.

Lume Arquitetura: *E o desejo do cliente, do que paga pela arte, onde fica?*

Valmir Perez: Essa era a briga de Michelângelo com os papas, por exemplo. Ele chegou a dispensar contratos com o papado, exatamente porque ele queria se impor. Mas tem o seguinte: para você impor a sua ideia, é preciso ter conteúdo. É preciso provar para o cliente subjetivamente que aquilo que você está propondo faz sentido e é viável. É claro que quem está pagando quer interagir, porque ele tem uma ideia, então, o que tem que ficar bem claro é que os conflitos podem existir, mas eles fazem parte do processo.

Lume Arquitetura: *Essa liberdade, da qual você fala, é economicamente viável, em sua opinião?*

Valmir Perez: Sim, porque desenvolver um projeto independente não implica em perder tempo com conflitos. O design tem de se organizar para cumprir o prazo; se ele tem 30 dias para entregar um anteprojeto, ele tem de respeitar o seu contrato. As pessoas têm uma ideia distorcida de que o artista é alguém desligado do mundo. Isso é uma grande mentira, é caricatura. O artista é um pesquisador, que vive o seu mundo, é interado com a arte a ciência, a filosofia. Ele tem trabalho, tem compromissos, tem contas para pagar, como todo mundo.

Lume Arquitetura: *Qual é o preço dessa independência artística?*

Valmir Perez: Sempre teve e sempre terá, seja de uma forma ou de outra, um preço alto a pagar. Tem artistas que se vendem. Vendem-se no sentido de dizer “já que a moda é essa, já que quem tem o poder

quer que eu funcione assim, pois assim vou ser”. Os futuristas fizeram isso. De início, deu tudo certo, pois eles tinham o apoio do Estado, mas o preço que eles tiveram de pagar, depois que o sistema ruiu, foi muito grande. Ninguém queria saber de futurista, eles eram considerados traidores da sociedade e da civilização. Os caras que ganharam os prêmios no salão de Paris, onde estão? Para onde foram? Quem obteve seu reconhecimento de verdade?

O preço de quem enfrentou o poder estabelecido no passado também não foi baixo, assim como não é hoje. Ou você pensa que nós somos mais livres? Nós somos, na verdade, extremamente escravos, dentro de um regime em que o que se propaga é apenas a ideia de liberdade de expressão, mas que só dá acesso às pessoas, ao que interessa a quem detém o poder.

As pessoas têm a consciência e o espírito aprisionados, elas só têm acesso a um tipo de arte, que é a do entretenimento. Elas não sabem que existe algo além do que lhes é oferecido pela grande mídia, que, em todo o mundo, pertence a uma meia dúzia de pessoas. São essas pessoas que decidem o que você vai assistir, vestir, comprar, ou seja, pensar e sentir. Seu comportamento. Por isso somos escravos. Quem se liberta, acaba virando uma pessoa perigosa, subversiva. Isso hoje e ontem. Sempre foi assim.

Lume Arquitetura: *Conhecimento técnico e sensibilidade: é possível projetar sem um ou outro atributo?*

Valmir Perez: Não dá para separar uma coisa da outra, nem dentro de nós mesmos. Seria como querer apartar a carne do espírito, a inteligência da percepção. Quando me falam de partido político, por exemplo, eu já digo: está partido, não está inteiro, por isso eles não conseguem resolver nada. Se tivessem vontade de fazer algo pelo País, era só se juntar. Todos têm boas intenções, não é? ◀